

INTERVENÇÃO DOCENTE E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA

Maria Creusa Chaves Campos¹
Cristiane Pereira de Oliveira²
Maria de Fatima Vilhena da Silva³

RESUMO

O estudo faz parte do trabalho de conclusão de curso com foco nas vivências durante o estágio supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O objetivo é analisar experiências ou intervenções que implicam resultados satisfatórios de docência na perspectiva de inclusão na EJA. A pesquisa foi desenvolvida no período de setembro a novembro de 2023, com práticas no total de 135 horas, em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental que atende alunos com deficiências e é localizada no centro da cidade de Belém-Pará. A turma observada e analisada contava com dezoito (18) educandos com diferentes deficiências: Transtorno do Espectro Autista (TEA), Síndrome de Down (SD), Múltiplas Deficiências, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), uns apresentava indícios de Deficiência Intelectual (DI), outros sem diagnóstico; a maioria deles possuía dificuldades de aprendizagem. Do total de alunos, a frequência quase sempre era de três a cinco deles. A metodologia da pesquisa está baseada em observação, registros e intervenções didáticas. Houve duas regências: o bingo das sílabas e a de equilíbrio motor. Esta última dividiu-se em duas etapas, uma de pintura e outra de equilíbrio motor. Nesta regência, três estudantes participaram: um com TEA, um com SD e uma sem deficiência. Na intervenção de equilíbrio motor participaram três alunos: 1 com TEA, outro com SD e outra com possível DI. Os resultados indicam que as intervenções surtiram efeitos positivos na socialização dos educandos e no estímulo à aprendizagem. Concluiu-se que os alunos da EJA com deficiência necessitam de práticas pedagógicas com a perspectiva da inclusão, e que, para isto, é fundamental o(a) professor(a) estar qualificado(a) e transformar a sala de aula em espaço de socialização e de incentivo à aprendizagem.

Palavras-chave: TEA. Síndrome de Down. Deficiência intelectual. Coordenação motora.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que foi criada pelo Governo Federal e percorre todo os níveis da educação básica afim de dar acesso à educação na escola àqueles que não tiveram oportunidades na idade certa. No estado do Pará, a Secretaria de Educação (SEDUC) oferece escolas para este público, e, também oportunidade de estágio para as licenciaturas não só aprender estratégias de ensino e aprendizagem, mas entender e por em pratica as questões teóricas. Existem turmas exclusivamente no turno vespertino para EJA

¹ Licenciada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens- Universidade Federal do Pará - UFPA, creoschindlerneider@gmail.com;

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Rede Amazônica em Ciências e Matemática – REAMEC, Docente do Instituto Federal de Roraima – IFRR. Membro do Grupo CEEI-UFPA, cristiane.oliveira@ifrr.edu.br

³ Professora orientadora: Doutora, docente do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará. Coordenadora do Grupo de Estudos e Experiências sobre educação inclusiva -CEEI-IEMCI_UFPA, fvilhena23@gmail.com

destinada a estudantes com deficiência o que facilita o acesso à escolarização dessas pessoas que tem dificuldade para se locomover no turno da noite.

O artigo se reporta a uma parte do trabalho de conclusão de curso realizado durante o estágio de docência na perspectiva da pesquisa, na formação inicial, enquanto espaço para vivenciar um pouco da realidade das salas de aula. É neste espaço, dentro EJA, que o trabalho acontece. Pomo em destaque que a prática na formação inicial durante o estágio possibilita pôr em prática parte das teorias estudadas ao longo do curso de licenciatura, e também olhar com mais atenção os fatos valendo-se das observações como instrumentos de reflexão; também nestas circunstâncias damos mais sentido à construção dos planejamentos e às estratégias pedagógicas apreendidas.

A experiência aqui relatada procura mostrar a importância para a formação inicial de futuros docentes, pois a partir das práticas educativas executadas, observadas e analisadas, ela exige do professor ou da professora desse segmento um sentimento de fraternidade, além de ser educador(a). Na EJA de estudantes com deficiência, estes necessitam cada vez mais de ensino humanizado e propostas interdisciplinares que possam ir ao encontro da sua realidade e da escola.

Com o estágio, o futuro docente entra em contato com um campo socioeducacional onde pode reavaliar o conceito de práticas educativas e o significado epistemológico do ato de ensinar e de aprender. Como dizem Lima e Pimenta (2006, p. 6), trata-se de um campo de conhecimento que “se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas”.

A vivência da docência no âmbito do estágio é o primeiro passo para a constituição de uma identidade profissional. Lima (2008, p. 198) diz: “defendemos este componente curricular como espaço de aprendizagem da profissão docente e de construção da identidade profissional, que permeia as outras disciplinas da formação, no projeto pedagógico dos cursos de formação[...]”.

Nossa vivência no estágio nos leva a inferir que é preciso uma mão de obra cada vez mais especializada quanto ao público da EJA com deficiências, pois não se trata apenas de incluir pessoas jovens, adultas e idosas, mais que isso, é necessário estar disposto e habilitado a trabalhar em lugares onde os educandos carregam variadas deficiências, e as escolas devem dispor de condições estruturais para atender tal público.

Sendo assim, para atender a estas pessoas, também há demanda de “flexibilizar os tempos e espaços de ensino e aprendizagem com vistas a torná-los mais atrativos e adequados ao público a que se destinam [...] e dedicação intensiva dos docentes parecem favorecer esse

resultado” (Di Pierro, 2010, p. 104). Para este autor, as habilidades do docente precisam relacionar-se às estratégias de ensino adaptadas que ele usará na sala de aula. Entre as necessidades apontadas por Di Pierro (2010) estão as de saber ler e reler, ensinar palavras comuns no cotidiano dos alunos, exercitar a repetição de variedades de palavras para fixar na memória, trabalhar a coordenação motora com a pintura, entre outras tarefas que os auxiliam.

Sobre essa questão, Ortolan e Ortolan (2015) enfatizam que deve ser revista a oferta da EJA tanto para alunos egressos quanto para alunos especiais, haja vista a premência de desafios antigos e novos, como a própria necessidade de sinalizar que, a cada dia, pessoas da terceira idade têm buscado retornar à escola.

Considerando tais perspectivas, este trabalho tem o objetivo de analisar às experiências ou intervenções que implicam resultados satisfatórios de docência na perspectiva de inclusão na EJA.

METODOLOGIA

O Estágio de Docência III do curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da UFPA possui carga total de 135 horas destinadas à prática e estudos teóricos, e foi realizado segundo uma abordagem de pesquisa da própria prática. Ele se deu numa Escola Estadual de Ensino Fundamental, no centro de Belém-PA, no horário vespertino das 13 horas e 30 minutos às 16 horas e 30 minutos. A carga horária distribuía-se em 10 horas por semana, e incluíam práticas de observação/interação com a escola, planejamento, acompanhamento da professora regente, regência e avaliação.

A turma possuía 18 alunos matriculados, mas somente quinze (n=15) desses compareciam durante o período da pesquisa, e, na maioria das vezes, a frequência resumia-se a cinco (n=5) alunos, porque não havia assiduidade de todos, por causa das outras atividades que tinha fora da escola as quais iam de consultas médicas, fisioterapias, terapias ocupacionais, entre outros. As deficiências dos 15 educandos eram: Síndrome de Down, Transtorno do Espectro Autista, Deficiência Intelectual e Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade. A faixa etária variava dos 15 aos 65 anos, e destacamos essa idosa como frequentadora regular da escola.

Havia uma aluna de 17 anos que não possui deficiência; ela residia em um abrigo e nunca havia estudado em uma escola, antes vivia nas ruas, estava aprendendo a ler e escrever, e começou a frequentar as aulas no final do ano de 2022. Ela estava no mesmo nível de aprendizado das outras duas colegas de sala com SD, e ainda confundia as letras. A professora

relatou que esta estudante chegou à escola apenas sabendo se expressar verbalmente, mas já estava conseguindo escrever o nome, identificar as letras, juntar sílabas e palavras, reconhecer e escrever os números de 0 a 30.

Durante o período de pesquisa e acompanhamento da turma, tivemos a participação da professora regente, duas estagiárias, um estagiário e uma cuidadora. A experiência na EJA permitiu-nos conhecer a escola (dependências, estrutura, organização e funcionamento) e conhecer a professora regente.

O período de observação da rotina da sala de aula permitia-nos ambientar com os educandos, as práticas pedagógicas da professora regente e os conteúdos que eram trabalhados por ela, situações que serão discutidas adiante. A professora regente era pedagoga, especialista em educação especial e buscava atualizar-se constantemente com cursos à distância para trabalhar com seus estudantes.

Nesse estágio, fizemos o planejamento das intervenções com orientações da professora supervisora da Universidade Federal do Pará e da regente da escola levando em conta os registros prévios da turma. Neste relato, nos detemos apenas na intervenção de duas atividades denominadas “Bingo das sílabas” e “Equilíbrio motor”, as quais serão detalhadas e discutidas nos resultados.

Todas as etapas do trabalho de pesquisa tiveram acompanhamento, avaliação e o repensar da prática, pois “a prática de pensar a prática é a melhor maneira de aprender a pensar certo. O pensamento que ilumina a prática é por ela iluminado tal como a prática que ilumina o pensamento é por ele iluminada” (Freire, 1996, p. 68). O pensamento freireano consiste em dizer que a melhor forma de realizar a prática docente é (re)pensar reflexivamente. Então, percebemos que, em todas as etapas deste trabalho, o diálogo da prática com a teoria e o repensar criticamente a docência são importantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. INTERVENÇÃO: BINGO DE SÍLABAS

A regência da atividade denominada “Bingo de sílabas” ocorreu no dia 18 de outubro de 2023. A preparação de material para tal intervenção em casa durou cerca de quatro horas e sua execução em sala, aproximadamente 60 minutos. Compareceram nessa aula somente três alunas, duas com síndrome de Down, ambas com idade de 26 e 30 anos, e uma sem deficiência, com 17 anos. Da atividade constavam a interpretação das palavras e de formação de sílabas. O

objetivo foi propor o uso correto da ortografia, visto a importância do uso da língua portuguesa como instrumento de comunicação e produção da escrita.

Iniciamos a tarefa explicando como aconteceria cada etapa. A primeira foi o sorteio das sílabas (o bingo); a segunda etapa, a contagem das sílabas das três palavras escolhidas por cada aluno; e a terceira, a contagem das letras nas palavras escolhidas.

No decorrer das explicações, as educandas ficaram atentas e começamos o bingo de sílabas pausadamente, para que elas as procurassem com tranquilidade. Três estagiárias auxiliaram com o alfabeto exposto sob a cartela de bingo, quando as estudantes apresentavam dificuldade no reconhecimento das letras nas sílabas. Ao fazermos o sorteio, mostrávamos bem próximo às alunas a sílaba sorteada, e quando elas não conseguiam lembrar somente pela nossa pronúncia, chegávamos mais perto para que visualizassem melhor a sílaba.

A obra “Práticas de alfabetização” (Brasil, 2021) sugere na alfabetização a sensibilização auditiva dos sons de letras e palavras por meio da “localização, diferenciação, caracterização e sequência de diferentes sons” (p. 20). Considerando a referida sugestão, é importante desenvolver práticas que se “[estabeçam] entre os sons da fala (fonemas) e as letras da escrita (grafemas), o que envolve consciência fonológica da linguagem: perceber seus sons, como se separam e se juntam em novas palavras etc”(p. 21). Por isso, durante o bingo, insistíamos que os alunos ouvissem a nossa pronúncia e atentassem para saber quais letras compunham as sílabas.

Procuramos trabalhar as potencialidades das alunas e alunos e ajudá-las(os) a vencer suas dificuldades no ouvir, na escrita e na pronúncia das sílabas após nossa chamada. Se esse processo já é complexo e difícil para educandos sem deficiência, podemos imaginar que nosso trabalho deveria alcançar quem é portador de Síndrome de Down.

A esse respeito, Schwartzman (1999) e Romero (2014) dizem que, embora a Síndrome de Down seja confundida como uma deficiência mental, não se pode nunca predeterminar qual será o limite de desenvolvimento do indivíduo. A referida síndrome trata de uma alteração genética e seus portadores, mesmo que apresentem algumas dificuldades, podem ter uma vida normal e realizar atividades diárias, porém dentro de suas limitações. Sendo assim possível acreditar na alfabetização de quem possui a referida síndrome.

Das alunas com SD presentes na aula, uma apresentava poucos problemas em ouvir, escrever e falar as sílabas ditadas, enquanto a outra tinha mais dificuldades, mas ambas conseguiram escrever as sílabas. Na parte relacionada à contagem das sílabas e das letras, cada educanda escolhia 3 palavras do bingo e realizava a soma das sílabas e das letras. Nesta atividade, elas demonstraram poucos entraves por estarem mais familiarizadas com os números,

e souberam não só fazer a pronúncia como também escrevê-las, demonstrando também habilidades em efetuar a contagem.

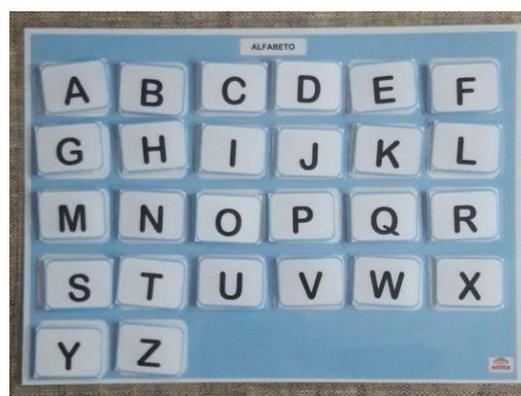
O bingo (Figura 1) permitia avaliar as facilidades das estudantes na pronúncia e na escrita das sílabas, e também se elas conheciam contagem numérica. Uma delas conseguia pronunciar e escrever plenamente; a outra, ora conseguia pronunciar e não escrever, ora não sabia pronunciar nem escrever as sílabas sem vê-las. Já aquela aluna que não possuía deficiência apresentava dificuldade de escrever; para superar este obstáculo, tivemos de mostrar-lhe as sílabas algumas vezes.

Figura 1. Ficha do bingo das sílabas.



Fonte: [As autoras \(2023\)](#).

Figura 2. Alfabeto móvel.



Fonte: [As autoras \(2023\)](#).

Ao final da proposta (Figura 1), vimos que precisávamos trabalhar mais a pronúncia e a escrita das palavras com as alunas, então utilizamos o alfabeto móvel que construímos (Figura 2) e desenvolvemos mais práticas nos dias seguintes, conjuntamente com a professora regente.

No processo de alfabetização proposto (Brasil, 2021, p.20) não precisa ter uma aula ou um lugar especial para desenvolver a consciência fonológica. O professor pode aproveitar qualquer momento e realizar estratégias de ensino “para brincar com os sons da fala”. “Dessa forma, você estará auxiliando seus alunos a desenvolverem um ouvido atento”. (idem, p.21). Assim, o processo alfabetizador na EJA pode acontecer em qualquer momento do ensino.

3.2. INTERVENÇÃO: TRABALHANDO O EQUILÍBRIO MOTOR

Nesta intervenção, o objetivo foi trabalhar atividades que pudessem melhorar a coordenação motora dos alunos da EJA. Desta atividade, participaram três alunos que frequentaram a turma naquele dia. Dos três, um possuía Transtorno do Espectro Autista com apoio de nível 3 (15 anos de idade), um com Síndrome de Down (26 anos de idade) e uma aluna

com Deficiência Intelectual (65 de idade) .

A atividade ocorreu em duas etapas: uma de pintura e outra de equilíbrio motor. Os educandos estavam bem tranquilos em sala. A aula teve início com a professora regente dando a cada um deles a oportunidade de escolher uma figura afrobrasileiras para pintar, em alusão ao Dia da Consciência Negra (20 de novembro).

As figuras eram de mulheres negras com turbantes (Figura 3), em que figuravam traços retos e sinuosos e figuras geométricas que os alunos pintaram e cada qual assinou a sua atividade. Cada aluno participante da tarefa escolheu a figura que queria pintar.

Figura 3. Figuras de mulheres afrobrasileiras com turbantes pintadas pelos alunos.



Fonte: Materiais dos alunos (2023).

Os desenhos e figuras relativas à geometria pintadas pelos alunos, observadas na figura 3, faziam-lhes aguçar a percepção motora, o equilíbrio ao contornar as linhas das figuras e cores variadas que podiam utilizar como quisessem. A atividade contribuiu como um preparo para a tarefa seguinte, pois eles executariam os movimentos retos e sinuosos.

Nota-se que as duas pinturas à direita da figura 3 (a superior pintada pela estudante com DI, e a outra, pelo aluno com SD, na parte inferior) estão bem delimitadas nos espaços e diferenciadas pelas cores. Já na parte superior à esquerda, a figura foi pintada pelo educando com TEA (nível 3) onde os traços são bem fortes e pouco homogêneos, mas dentro dos espaços e diferenciados por cores. Ressaltamos, no entanto, que o tempo para a finalização das pinturas foi variado: a aluna com DI gastou em torno de duas horas, o aluno com SD levou um pouco mais de uma hora e o aluno com TEA levou um pouco menos de uma hora, sendo que cada um contava com alguém de apoio para incentivá-lo(a) a terminar a atividade, pois paravam no meio

da atividade para observar o que se passava ao redor, na sala de aula..

Cabe destacar que a pessoa com DI deve ser estimulada a desenvolver sua autonomia e independência frente às situações de aprendizagem (Gomes; Poulin; Figueiredo, 2010 citado por Elias; Silva, 2020). Sendo assim, a pintura das imagens afrobrasileiras permitiu que cada um escolhesse a cor e criasse, a seu modo, o que lhe parecia bonito e adequado. Isto remete ao desenvolvimento do potencial e de sua criatividade. Além disso, a pintura vai ao encontro do desenvolvimento da coordenação motora fina. Como diz Nogueira (2020), a educação especial na EJA necessita de um plano muito bem definido na busca de obter êxito na aprendizagem.

Quanto ao educando com TEA (nível 3), ele apresentava problemas para se concentrar por muito tempo na mesma atividade: de vez em quando se levantava e andava sozinho pela sala, porém voltava quando a cuidadora lhe chamava para sentar-se e continuava a tarefa. Já o aluno com SD concentrava-se bem e procurava aperfeiçoar os traços.

Na segunda atividade, trabalhamos o equilíbrio motor. O objetivo foi observar a coordenação motora, o tônico, o controle espacial e a apreensão de objetos. Para isso, pegamos uma caixa de papelão e a abrimos; então, desenhamos sobre ela as linhas que formavam um caminho que segue de um ponto a outro, e depois recortou esse caminho, como mostra a Figura 4 e 5. Destacamos que a perspectiva inclusiva na EJA com foco no equilíbrio motor pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo, a socialização, e alfabetização.

Figura 4. Material para trabalhar o equilíbrio motor.



Foto: Fatima Vilhena (2023).

Figura 5. Praticando o equilíbrio motor



Foto: Fatima Vilhena (2023).

A atividade de equilíbrio motor foi executada somente com dois estudantes, um com TEA nível 3 e o outro com SD (Figura 5). A aluna com DI não quis participar, pois estava preocupada em pintar as figuras que lhe passamos na atividade 1. Ela também parecia não ter

gostado da atividade 2, porque deveria sair da carteira e ir até a frente fazer a demonstração (ela demonstrava timidez). Conversamos com ela para tentar convencê-la a interagir conosco, porém a estudante preferiu se abster.

Iniciamos a tarefa explicando como eles deveriam executar os movimentos do caminho no papelão, no qual são retratadas linhas retas e sinuosas. Os alunos pegaram uma colher, onde foi colocada uma bolinha de borracha, e eles a equilibravam enquanto percorriam o caminho, com o objetivo de chegar ao fim sem deixar a bola ir ao chão.

Essa é uma atividade considerada difícil. O primeiro que completou a tarefa foi o aluno com SD, que deixou a bolinha cair ao chão na primeira tentativa, mas na segunda vez entornou a bolinha dentro do recipiente localizado no final do caminho. O aluno necessitou de auxílio porque seus movimentos eram lentos, e seu equilíbrio nessa atividade parecia prejudicado. Ele costuma exercer suas atividades em sala com lentidão, porém conseguiu executá-las em sua totalidade e com perfeição.

A nosso ver, o aluno com deficiência na EJA, seja com SD, TEA ou DI, deve ser tratado a partir de um trabalho pedagógico que leve em conta suas habilidades e limitações, e é possível promover um ambiente de aprendizado mais diverso e enriquecedor para todos. Portanto, “as funções da EJA abrem-se como um espaço inclusivo e acolhedor para a clientela de jovens, adultos e idosos com deficiência que agora chegam às escolas depois de anos de reclusão em suas casas ou em instituições especializadas” (Moreira, 2014).

Seguimos a atividade com o educando autista de nível 3. Ele foi chamado e aceitou realizar a atividade imediatamente, fazendo três movimentos contínuos pelo caminho de papelão. Na primeira vez, realizou aceleradamente o percurso e deixou a bolinha cair ao chão depois de percorrer um pouco mais da metade do caminho. Na segunda, ainda acelerando demais, a bolinha veio ao chão depois de 75% do percurso. Em sua terceira vez, depois de atentar para as nossas orientações, conseguiu êxito ao colocar a bolinha dentro do recipiente. Todos o aplaudiram, pois ele, além de concluir a tarefa com excelência, sentia satisfação na execução daqueles movimentos retos e sinuosos.

Essas atividades levam-nos a refletir que é preciso experimentar diferentes práticas pedagógicas com alunos que possuem deficiências, e saber que o apoio e o incentivo são fundamentais para conquistar o discente e para ele ou ela aprenderem. Elias e Silva (2020, p. 2) defendem “a criação e divulgação de recursos pedagógicos que podem ser utilizados com qualquer estudante, mesmo que, em certos momentos, precise de uma reestruturação, pode se tornar importante subsídio e proporcionar a participação e desenvolvimento na aprendizagem de todos”.

Esses dois alunos citados na atividade de equilíbrio motor participavam frequentemente de tarefas envolvendo a coordenação motora de modo geral, desde a representação escrita das letras, sílabas, palavras e frases, passando pela pintura com lápis de cor e tinta guache com o uso do pincel, até o uso de outros materiais didáticos, como jogos e brincadeiras, sempre sob a supervisão da professora regente ou das estagiárias.

Foi gratificante saber que os dois alunos, que dificilmente interagem em atividades coletivas, sentiram-se motivados a participar das intervenções. Contudo, era preciso ter cuidado para não os cansar e proporcionar-lhes um aprendizado de acordo com cada dificuldade. Eles mostraram grande satisfação ao realizar a tarefa de equilíbrio motor. Para eles, parecia uma brincadeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado com pesquisa proporciona uma ampliação de conhecimentos sobre o planejamento e as práticas de docência. O ambiente escolar de acolhimento dos alunos de EJA, especialmente em sala de aula, favorece a integração entre estagiários, professora e discentes e prepara os futuros professores para compreender melhor a realidade do chão da escola, pois é nela que se ressignificam teorias e práticas de inclusão.

A experiência vivida leva a entender que o magistério tem inúmeros problemas a serem enfrentados, mas é lutando por uma melhor educação de estudantes da EJA que se vê a grande importância da perspectiva educativa da inclusão.

O trabalho mostra uma reflexão importante sobre a formação do docente, em que teoria e práticas dialogam entre si. Todavia, o contexto e realidade dos alunos de EJA quanto a suas limitações e potencialidades são aspectos que auxiliam a entender a responsabilidade do papel das estratégias na educação de jovens e adultos que ingressam na EJA e que possuem deficiências.

Avaliar esses aspectos implicou examinar, sob a perspectiva da inclusão, as experiências docentes, enquanto estagiários e regente na EJA. Ao se rever as relações de ensino para favorecer a aprendizagem dos alunos com deficiência(s), pôde-se entender melhor a função professoral e o que os estudantes e famílias esperam da educação escolar desse público.

As intervenções de bingo de sílabas e de equilíbrio motor mostraram que ensinar é muito mais que aplicar estratégias: é saber lidar eticamente com as situações adversas na escola, é conscientizar-se sobre a importância de estimular os educandos, é refletir criticamente a realidade da educação especial e da inclusão e continuamente aprender a aprender.

Analisar as experiências e intervenções docentes na perspectiva da inclusão apontou que o caminho planejado, traçado e percorrido pelos discentes da EJA com deficiência no processo de ensino e aprendizagem serviu para aprendermos que, o tempo, a estratégia, as teorias, o compromisso e a atitude de respeito e reflexão são palavras-chave para enfrentar os grandes desafios da docência na superação de barreiras e exclusão dos jovens e adultos na educação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **Práticas de alfabetização: livro do professor alfabetizador**. Brasília: MEC/Sealf, 2021. 450 p. Disponível em: https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/livro-do-professor_03_09.pdf. Acesso: 12 fev. 2024.

DI PIERRO, M. C. A educação de jovens e adultos no plano nacional de educação: avaliação, desafios e perspectivas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 112, p. 939-959, jul./set. 2010.

ELIAS, Ariane Borges Escanoela; SILVA, Rosilene Lima da. Estratégias para o ensino de alunos com deficiência intelectual na modalidade de jovens e adultos da APAE.

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 7., 2020, [S. l.]. **Anais do VII Congresso Nacional de Educação**. Campina Grande: Realize Eventos, 2020. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA10_ID6431_01092020153325.pdf. Acesso: 12 fev. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**. Vol. 8, n.23, jan -abril, 2008, pp.195-205. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189117303012.pdf> Acesso: 12 dez. 2023.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Poiesis Pedagógica**, Catalão, v. 3, n. 3/4, p. 5-24, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso: 20 set. 2023.

MOREIRA, Camila. **O direito de educação para jovens e adultos com deficiência**. Jusbrasil, 2014. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-direito-de-educacao-para-jovens-e-adultos-com-deficiencia/113639657>. Acesso: 10 nov. 2023.

NOGUEIRA, M. F. **Educação especial na EJA**: análise do processo de construção da prática docente. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. 114 f.

ORTOLAN, Carmen Lucia dos.; ORTOLAN, Greisse Moser Santos. Terceira idade na EJA: perspectivas e realizações pessoais no EJA/PROEJA de Criciúma/SC. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação Lato Sensu em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA) - Centro de Referência em Formação e EaD, Instituto Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/handle/123456789/354>. Acesso: 29 nov. 2023.

ROMERO, Thaís Sartori. **Os processos de ensino e aprendizagem do aluno com síndrome de Down**: um estudo no nordeste do Paraná. Monografia (Especialização em Métodos e Técnicas de Ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014. 32 f. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20840/2/MD_EDUMTE_2014_2_100.pdf. Acesso: 22 out. 2023.

SCHWARTZMAN, J. S. **Síndrome de Down**. São Paulo: Mackenzie, 1999.